

Às voltas com **Henrique Garcia Pereira**, a propósito do seu livro «Arte Recombinatória»

«Gosto de misturar tudo»

«NÃO ACREDITO EM COISAS IMPOSSÍVEIS», disse a Alice. «Fazes mal», respondeu a Rainha, «eu acredito sempre em seis coisas impossíveis antes do pequeno-almoço». Este diálogo, retirado naturalmente do livro de Lewis Carroll, poderia servir de paradigma ao extraordinário caminho percorrido pelo conhecimento humano ao longo da História. E se pararmos por um segundo, lembrando, apenas vagamente, a forma como o saber foi potenciado durante o século que ainda agora terminou, não poderemos deixar de nos surpreender com a consciência visionária da Rainha que mandava cortar cabeças.

Henrique Garcia Pereira é professor catedrático do Instituto Superior Técnico e não sei se acredita em «coisas impossíveis». Erro meu, que me esqueci de lhe fazer a pergunta. No que o autor de **Arte Recombinatória** decididamente confia é que «saber é sempre melhor do que não saber». O livro, editado em finais do ano passado pela Teorema, apresenta-se como um objecto algo incatalogável, já que mistura formas e conteúdos diversos, além de assumir o risco de um discurso absolutamente subjectivo sobre temas polémicos: defesa da geração «babyboomer» (a do próprio), actualmente a sofrer alguns ataques, ainda que velados (veja-se a este propósito a polémica sobre o livro de Michel Houellebeck, **Partículas Elementares**, mesmo descontando o exagero tipicamente francês que rodeou o debate); apologia da Net, em oposição àqueles que a responsabilizam, entre outros, pela «morte do livro»; crença na «criatividade» como «mola da economia»; aberta empatia por teorias científicas que privilegiam as potencialidades do caos, etc., etc. (nestes etc. inclui-se o gosto pelos cafés, pelo fado, pela literatura, viagens e cidades, estas em clara oposição às paisagens rurais; o próprio autor confessa «total incapacidade operativa em qualquer «campo» (que não seja o de Ourique).

Arte Recombinatória é, decididamente, um texto optimista. Sendo-o, não propõe nenhuma solução miraculosa, nem transporta nenhum coelho por entre as suas 263 páginas: «Não pretendi apresentar a Net, ou as suas potencialidades, como um paliativo para os males dos homens, até porque a perspectiva escatológica sobre a Humanidade há muito que me deixou de interessar», Henrique Garcia Pereira *dixit*.

Este é um livro que, além de bonecos,

Henrique Garcia Pereira nasceu em 1945 e assumiu-se como um «babyboomer». Fez 19 anos numa cadeira salazarista e, em 1969, licenciou-se em Engenharia Química no Instituto Superior Técnico. Acrescentou-lhe Engenharia de Minas, tentando evitar o serviço militar e, já depois do 25 de Abril, fez uma pós-graduação em Paris. O doutoramento chegou dez anos depois, sendo catedrático do IST desde 1992, responsável pela área de Geo-Sistemas do Curso de Minas e Geo-Recursos. Entre 1997-98 ficou-se por Londres, como «visiting professor» no Imperial College. Dirige a revista «Geo-sistemas» e assinou no «Diário Económico» uma coluna quinzenal de opinião, «Sinais da Ciência». A Associação Portuguesa de Escritores concedeu-lhe o Prémio Revelação de ensaio literário referente a 1999.

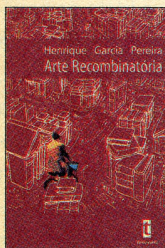
também tem «links». «Links» são ligações que nos permitem saltar de um lado para o outro (na Net, por exemplo), pondo em contacto os assuntos que nos interessam. O primeiro «link» de **Arte Recombinatória** surge logo na página 14, a propósito do chamado «jogo de soma nula», fórmula aristotélica que impõe que «quanto mais tem um homem, menos há-de ter outro», remetendo-nos para o capítulo B.4 (pág. 117). «É precisamente contra essa ideia de soma nula que o livro se estrutura. O conhecimento nunca diminui por ser partilhado, antes pelo contrário», afirma o seu autor. E citemos: «De facto, os rígidos princípios do 'Deve e Haver' não se aplicam ao conhecimento já que ele não desaparece do 'património' de A se for cedido a B, o que implica que o 'capital' de B possa aumentar sem que o de A diminua (assim o conjunto A+B tem sempre um ganho positivo, o qual pode mesmo ser superior à 'parcela' recebida por B, nos casos em que A 'aprende qualquer coisa' ao 'ensinar' B)» (pág. 122).

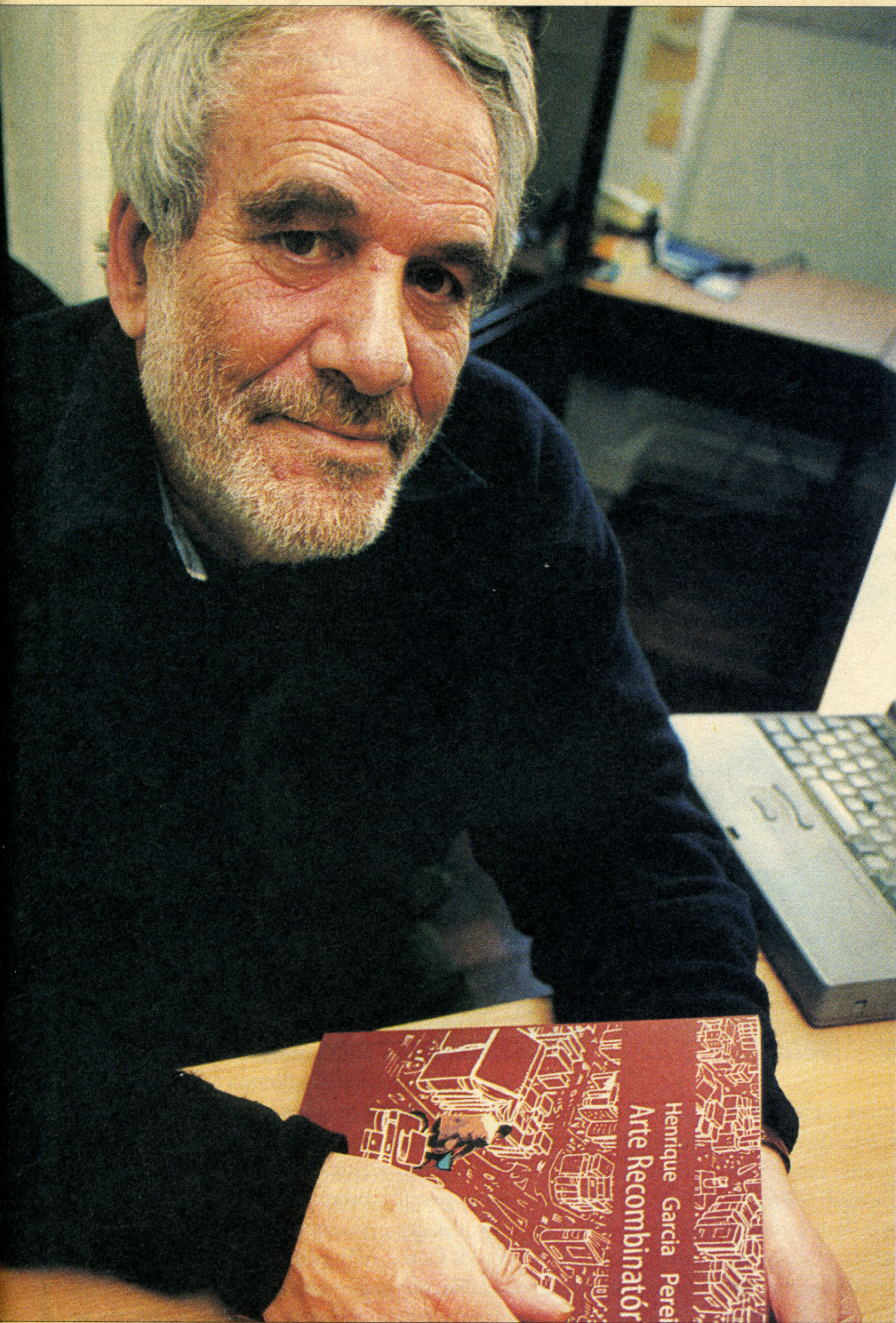
Dado o tipo de abordagem escolhido, seria batota querer encontrar em **Arte Recombinatória** aquilo que lá não está, a saber, qualquer discurso sobre os malefícios (ou, já agora, os benefícios) das tentações de Fausto. A propósito deste assunto, o autor apenas diz, por acaso já não no livro editado pela Teorema, mas em **Apologia do Hipertexto na Deriva do Texto**, «(...) aberta a caixa de Pandora, o humano está lá com todas as suas facetas». Apesar disto, Henrique Garcia Pereira teima em sentir-se «decididamente melhor no meio do caos do que na ordem».

Apologia do Hipertexto na Deriva do Texto é um ensaio ainda não publicado, vencedor do prémio Revelação da Associação Portuguesa de Autores, de 1999, anterior, portanto, a **Arte Recombinatória**.

Dedicado, no essencial, àquilo que as recentes possibilidades tecnológicas acarretam no que diz respeito à relação escrita/leitura, também nele Garcia Pereira se distancia dos Velhos do Restelo, áugures do homicídio próximo do livro: «Sempre existiram Velhos do Restelo. Não mais em relação à Net, do que em relação ao automóvel, ao telefone, ao telégrafo...», resume. Confessando no ensaio que um texto «só está 'bom' depois de passar o teste da leitura em voz alta, andando para trás e para a frente na minha sala de trabalho com o manuscrito na mão com um marcador para assinalar os pontos que é preciso alterar», acrescenta ao vivo a sua paixão pelos lápis, pelos caderninhos, pelo cheiro do papel e seu manuseamento, militante por direito e opção da tribo dos «homens do livro». Eclético nesta matéria, portanto, também a dicotomia entre as chamadas duas culturas (a literária e a científica), lhe parece um anacronismo ultrapassado. «Mas não continua a ser mais credível um cientista falar de Proust do que um literato falar de física quântica?» «Provavelmente», responde. «Mas essa é uma perspectiva que eu não partilho. Eu gosto de misturar tudo.»

Ao contrário de Einstein, que se confessava incapaz de ler Kafka, recusando-se a acreditar que o cérebro humano pudesse ser assim tão complicado, o autor de **Arte Recombinatória** coloca-se ao lado de Ilya Prigogine e Isabelle Stengers quando em **A Nova Aliança** defendem a ideia de ciência





SUSANA RODRIGUES

sócio-ambiental. O projecto «Geo-Sistemas: uma Metodologia Integrada para a Valorização de Recursos Naturais numa Perspectiva Global», visa conjugar as novas tecnologias informáticas com as representações históricas, sociológicas e antropológicas do ambiente e as suas relações com a economia.

Entretanto, Henrique Garcia Pereira continua a escrever. O ensaio premiado pela Associação Portuguesa de Escritores terá publicação próxima. Quanto a **Arte Recombinatoria**, foi uma surpresa para o próprio editor, que lhe conhecia a ligação à escrita mas não a praxis determinada.

Dividido em três partes — Parte A, onde o autor se define como um «babyboomer» de natureza profundamente urbana, amante de jornais e de cafés...; Parte B, onde se analisa a emergência do caos no mundo contemporâneo, tratado pelas dinâmicas não-lineares que abrem para o desassossego que leva à viagem...; Parte C, onde se prova que a Net não matou a paixão da viagem (como na Parte B se falara das novas tecnologias da informação/comunicação/conhecimento como revalorizadoras do texto, afastando a ‘morte do livro’ — **Arte Recombinatoria** é um livro que consegue conjugar (misturar) filosofia, ciência, economia e literatura, sem que os seus leitores tenham de pertencer a qualquer «círculo de iniciados». Ou de estar, sequer, de acordo com o seu autor. Até porque, escreve Garcia Pereira, «acho

«A PERSPECTIVA
ESCATOLÓGICA SOBRE
A HUMANIDADE HÁ
MUITO QUE DEIXOU
DE ME INTERESSAR»

como «prática cultural». Por isso não hesita em falar de «embuste de Sokal», a propósito do livro que este escreveu com Jean Bricmont, **Imposturas Intelectuais**. «A provocação de Sokal não é mais do que uma acha lançada para a fogueira que pretende reacender a guerra entre as ‘duas culturas’, que eu, aliás, pensava já morta e enterrada nesta época de comunicação global. Defende uma ciência pura e dura, dotada de protocolos excepcionais — dada a sua natureza «unnatural», como diz Wolpert —, a que o homem comum não pode

aceder sem entrar no círculo dos iniciados. E se a velha esquerda (de que pelo menos Sokal é representante) ainda acredita no poder escatológico da ciência, não me parece que o mundo contemporâneo se compadeça dos limites e demarcações que fizeram a triste história do século XX, apoiada num ‘progresso’ linear compartimentado.

Exemplo da sua opção pelo eclectismo é também o projecto de investigação que coordena, onde se pretende articular a componente técnico-económica da exploração de Recursos Naturais com a sua vertente

que não há nada mais ‘natural’ do que considerar as coisas a partir de si próprio, dando a cada tema uma certa profundidade (na medida do seu valor para mim) e mudando incessantemente de assunto por força de uma multiplicidade auto-semelhante que abre para os eus-de-mim», (pág. 250). Livro acima de tudo antidogmático, percebe-se que nele se cite Woody Allen: «Lá por uma coisa nunca ter acontecido antes, não quer quiser que não possa vir a acontecer depois.» Razão tinha a Rainha. (TEOREMA, 2000, 264 PÁGS., 2940\$00, 14,66 EUROS) **Ana Cristina Leonardo**